



Requerimento nº , de 2009

Requeiro nos termos dos artigos 218, inciso VII e 221 do Regimento Interno do Senado Federal inserção em ata de voto de pesar pelo falecimento, no último domingo, dia 18, do coordenador de projetos sociais do Grupo AfroReggae, Evandro João Silva, de 42 anos . Ele foi morto durante um assalto no Rio de Janeiro.

Justificativa

Evandro João da Silva estava no AfroReggae há dez anos. Começou como professor de informática, foi promovido a coordenador do núcleo de Parada de Lucas, um dos cinco núcleos de cultura que o AfroReggae mantém em favelas do Rio e, atualmente, era coordenador de projetos sociais da Instituição. Dentre os projetos pelos quais foi responsável está o Rebelião Cultural, promovido pelo F4 – *pool* de organizações não governamentais formado por AfroReggae, Cufa, Nós do Morro e Observatório de Favelas – cujo objetivo é levar cursos e oficinas para dentro de presídios cariocas.

O Grupo Cultural AfroReggae (GCAR) surgiu em janeiro de 1993, inicialmente em torno do jornal Afro Reggae Notícias, um veículo de informação que visava à valorização e à divulgação da cultura negra, voltado sobretudo para jovens ligados em ritmos como reggae, soul, hip-hop e outros.

Nessa época já tinha como objetivo e missão oferecer formação cultural e artística para jovens moradores de favelas de modo a que tivessem meios de construir suas cidadanias e pudessem escapar do caminho do narcotráfico e do subemprego.

Com o passar do tempo os projetos foram se aperfeiçoando, a Instituição foi crescendo e os resultados começaram a aparecer. Em 1997, o GCAR inaugurou o Centro Cultural AfroReggae Vigário Legal, em Vigário Geral. Com um espaço físico bem estruturado dentro da comunidade, o trabalho pôde se desenvolver com maior qualidade



e planejamento, e com isso foi possível tornar essa iniciativa uma referência de prática sociocultural na cidade do Rio de Janeiro.

Atualmente, o GCAR desenvolve diversos programas e projetos em quatro comunidades diferentes. Numa das favelas de Parada de Lucas, vizinha a Vigário Geral, onde as facções rivais do tráfico vivem em guerra desde 1985, é desenvolvido, desde outubro de 2001, o projeto Rompendo Fronteiras, cujo objetivo é levar o trabalho social onde quer que ele se faça necessário, independentemente do fato de Lado A e Lado B estarem em conflito. Na verdade, a guerra que os mobiliza é contra a pobreza e a violência. Lá em Parada de Lucas, suas armas são os cursos em diversas áreas da tecnologia digital oferecidos para a comunidade com o apoio da HP e da El Paso, além das oficinas de capoeira, história em quadrinhos e violinos.

No Cantagalo-Pavão-Pavãozinho, o GCAR utiliza a linguagem do circo – malabares, trapézio, acrobacias etc. – para realizar um trabalho que traz alegria e consciência para jovens que viviam na corda bamba em vários sentidos. Desde 1996, funciona no anfiteatro do Ciep de Ipanema, uma oficina de circo aberta à comunidade. Como resultado dessas aulas, foi criada a trupe Levantando a Lona para fazer espetáculos públicos e propiciar aos alunos se profissionalizarem como artistas.

Tem ainda o Programa de Comunicação, que conta com o site AfroReggae.org, portal sobre o GCAR e a cultura afro-brasileira em geral na internet. Além disso, produzem matérias jornalísticas para o Canal Futura.

Apesar de toda a diversidade de atividades, a música tem sido, em Vigário Geral, o melhor instrumento para atrair os jovens a participar do GCAR. O sucesso obtido com a Banda AfroReggae, tanto artístico quanto como modelo de projeto social, fez com que outros jovens quisessem percorrer o mesmo caminho e, hoje, há em Vigário mais três grupos musicais em fase de amadurecimento, mas que já fazem apresentações públicas: Afro Lata, Afro Samba e Banda Makala Música e Dança. Além disso, em Vigário Geral, existem os seguintes Subgrupos: Afro Mangue, Tribo Negra, Akoni e Kitôto.

Eu mesmo, senhor presidente, senhoras e senhores senadore, tive a oportunidade



de conhecer de perto o trabalho do grupo. No dia 14 de agosto de 2008, proferi palestra na Associação de Moradores no Complexo do Alemão a convite do Grupo Cultural Afro Reggae. Foi justamente Evandro João da Silva o coordenador daquele evento, juntamente com José Junior. Pediram-me para explicar como a Renda Básica de Cidadania, ao prover o direito de todas as pessoas participarem da riqueza da nação, de maneira incondicional, poderia contribuir significativamente para que em nosso país e, inclusive na cidade do Rio de Janeiro, houvesse um sentimento muito maior de solidariedade, de justiça, de condições de sobrevivência e dignidade para todos. Assim, haveria a diminuição do grau de criminalidade e violência que vem preocupando a todos nós. Evandro João da Silva foi um dos que aprovou entusiasticamente a Renda Básica de Cidadania. Infelizmente, ele se foi antes que ela tenha sido implementada.

Assim como eu, muitos que conheceram Evandro e seu trabalho estão suspensos com a barbárie que foi a sua morte. José Junior, coordenador-executivo do AfroReggae afirmou: "Choca ver uma pessoa que era um mediador dos conflitos, um cara que morou na favela, só fazia o bem, ser assaltado, roubado e morto da maneira que foi. Me choca a polícia não ter prestado socorro".

Já o diretor artístico do grupo diz que a morte de Evandro não significa o fim do seu trabalho: "o fato de Evandro ter partido não significa a sua derrota. Ele foi fazer companhia a outros que antes de nós dedicaram a sua vida a construir a paz e a justiça. Se um pouco de nós se foi com ele, um pouco dele também ficou em nós".

Sala das Sessões, em 22 de outubro de 2009.

Senador Eduardo Matarazzo Suplicy